



POLÍTICA INTERNACIONAL

Iranianos escolhem presidente moderado...

O ex-parlamentar e cardiologista Masud Pezeshkian derrota o ultraconservador Said Jalili em segundo turno marcado pela abstenção. Reformista defende abertura em relação ao Ocidente e a não obrigatoriedade do véu islâmico para as mulheres

» RODRIGO CRAVEIRO

Desde 2005, o Irã teve presidentes adeptos do discurso linha-dura e do ultraconservadorismo. A tendência foi quebrada, ontem, com a vitória, no segundo turno das eleições, do reformista e moderado Masud Pezeshkian, 69 anos, ao obter 16 milhões de votos (54%). O radical Said Jalili, 58, membro do Conselho de Discernimento do Irã — órgão que media conflitos entre o Parlamento e o Conselho dos Guardiães da Constituição —, ficou com 13 milhões de votos (44%). Dos 61 milhões de eleitores aptos a irem às urnas, 30,3 milhões participaram da escolha do novo presidente. As eleições iranianas atraíram a atenção de todo o mundo, em meio ao recrudescimento do enriquecimento de urânio por parte de Teerã, das sanções impostas pelo Ocidente e do recente ataque a Israel.

O sucessor de Ebrahim Raisi, morto em um acidente de helicóptero, em 19 de maio, tomará posse entre 22 de julho e 5 de agosto. Em mensagem publicada na rede social X e endereçada aos iranianos, Pezeshkian reconheceu que o caminho pela frente será “difícil”. “Somente será fácil com a sua cooperação, empatia e confiança. Estendo minha mão a vocês e juro, pela minha honra, que não os deixarei sozinhos”, escreveu.

Em visita ao mausoléu do aiatolá Ruhollah Khomeini, fundador da República Islâmica, Pezeshkian avisou aos iranianos: “Seus votos deram esperança a uma sociedade mergulhada em um clima de insatisfação”. No passado, o cardiologista e ex-ministro da Saúde do Irã declarou-se contrário ao uso obrigatório do hijab (véu islâmico) pelas mulheres. “Não seremos capazes de cobrir a cabeça das iranianas por meio da coerção”, alertou.

Said Jalili, o candidato derrotado, felicitou Pezeshkian e fez um apelo à população: “Agora, cabe a todos respeitar o eleito e ajudá-lo no desenvolvimento do país e na elevação do sistema sagrado da República Islâmica”. Ao contrário

Atta Kenare/AFP



Masud Pezeshkian (C) é festejado por simpatizantes, durante visita ao mausoléu do aiatolá Ruhollah Khomeini, perto da capital, Teerã

de Pezeshkian, Jalili sempre foi um defensor de uma política inflexível em relação ao Ocidente, especialmente aos EUA. Em texto publicado na X, o aiatolá Ali Khamenei escreveu que “gostaria de recomendar ao Sr. Pezeshkian que estabelecesse sua visão em horizontes elevados e brilhantes”. “Ao seguir o caminho do Mártir Raisi, encorajo-o a fazer o melhor uso das abundantes capacidades do país para o progresso do país”, disse o Líder Supremo do Irã, após se reunir com o novo presidente.

O jornalista iraniano Taghi Rahmani, 64 anos, marido de Narges Mohammadi, ativista laureada com o Nobel da Paz em 2023 e presa há 26 meses, disse ao **Correio** que Pezeshkian foi membro do Parlamento por seis mandatos.

“É um reformista moderado, que acredita ser capaz de resolver os problemas em torno do acordo nuclear do Irã. Ele também crê que o país enfrenta um impasse e que tem a habilidade de resolver os problemas da nação”, explicou. No entanto, Rahmani não vê Pezeshkian como o candidato ideal para a geração mais jovem e para a parcela da sociedade ávida por uma transição da República Islâmica para um governo democrático. O marido de Narges cita como sintomática a alta abstenção — em torno de 50% dos eleitores.

No entanto, Rahmani ressalta que 49% das pessoas que votaram em Pezeshkian o fizeram para impedir a vitória de Jalili nas eleições. “Jalili é um extremista que, essencialmente, rejeita relações com o

Ocidente e tem ideias muito retrógradas e reacionárias sobre os direitos das mulheres. Também defende que Teerã mantenha as relações econômicas com a China e a Rússia, o que não é do interesse do povo iraniano. Além disso, não acredita na democracia, nos direitos humanos ou na liberdade.”

Mudança

Segundo Mahjoob Zweiri, professor de política contemporânea do Oriente Médio na Universidade do Catar, as eleições foram marcadas por um baixíssimo índice de votação, o que causou preocupação no regime. “A sensação é de que, com a escolha de Pezeshkian, ficou expresso um desejo de mudar o humor político

no Irã, governado pelos conservadores e neoconservadores desde 2005”, admitiu à reportagem, por telefone. “Minha avaliação é a de que essas eleições apresentaram duas opções: uma pelo continuísmo e a confrontação radical com a região, e a outra mais diplomática, com uma política externa racional na defesa dos interesses iranianos. Pezeshkian representa essa segunda alternativa. Ele seleciona melhor sua retórica, além de ser mais apaixonado e mais humano.”

O ativista Mahmood Amiry-Moghaddam, diretor da ONG Iran Human Rights, lembrou ao **Correio** que o presidente não detém muito poder no Irã. “O aiatolá é quem decide as principais linhas das políticas doméstica e externa. O fato de Pezeshkian

Eu acho...



“Masud Pezeshkian não mencionou nenhuma abertura política em seu discurso. Apenas disse que cumpriria com a lei. Suas promessas estão focadas na abertura econômica e em encontrar uma solução para as sanções impostas pelo Ocidente. Também prometeu não abandonar o povo. Vejo o aiatolá Ali Khamenei como o principal obstáculo para o novo presidente, pois insiste em reprimir a população.”

Taghi Rahmani, 64 anos, jornalista iraniano, marido de Narges Mohammadi, ativista laureada com o Nobel da Paz em 2023

Arquivo pessoal



“Não estou certo se Pezeshkian será capaz de produzir mudanças radicais. Depois de 19 anos de problemas, será preciso mais tempo para transformar o ambiente na região. A incerteza na política global e a guerra em Gaza não ajudam nesse sentido. Qualquer mudança na política iraniana depende de transformações na política externa. O núcleo do regime não aceitará uma maior abertura ao mundo.”

Mahjoob Zweiri, professor de política contemporânea do Oriente Médio na Universidade do Catar

ter se tornado presidente indica a escolha certa, no momento em que o regime sofre isolamento crescente, além de ameaças de guerra e insatisfação nas ruas”, afirmou. Ele aposta que a vitória de Pezeshkian deve “reviver alguma esperança” na população sobre uma possível mudança.

...e França decide futuro de Macron em eleição tensa

Neste domingo, as atenções se voltam para Paris, 4.200km a noroeste de Teerã. Em clima de tensão, os franceses vão às urnas, no segundo turno das eleições legislativas, para decidir se a extrema direita governará o país pela primeira vez na história. O Reagrupamento Nacional (RN), partido de Marine Le Pen, aposta as fichas em Jordan Bardella, 28 anos, que pode se tornar premiê de Emmanuel Macron, caso a legenda ultraconservadora conquiste a maioria absoluta dos assentos da Assembleia Nacional (Parlamento). Para barrar o avanço dos ultraconservadores, um cordão sanitário — ou “frente republicana” — foi criado pela coalizão de esquerda Nova Frente Popular (NFP) e pela aliança de Macron.

A julgar pelas mais recentes pesquisas, a estratégia parece ter sido bem-sucedida. Dois institutos preveem que o RN e aliados terão entre 170 e 210 cadeiras, bem abaixo da maioria absoluta de 289. Em vídeo divulgado na sexta-feira, Bardella pediu aos franceses para que não

Aurelien Morissard/AFP



Macron (E) firmou acordo com rivais para impedir Bardella (D), da extrema direita, de se tornar premiê

deixem que a vitória lhes seja roubada. “Não se deixem intimidar. Abram espaço para a alternância e a mudança. Convido vocês a se mobilizarem. Deemos uma maioria absoluta para governar e restaurar a França”, declarou. Se o RN contrariar as sondagens e controlar a Assembleia Nacional, Macron precisará

acordar um improvável governo de coabitação com Bardella.

Fragmentação

Em entrevista ao **Correio**, o cientista político Bruno Cautrès, professor do Instituto Sciences Po (em Paris), explicou que, caso o RN e a centro-direita formem

uma coalizão, garantirão a maioria dos assentos. “Atualmente, apenas uma minoria de deputados dos Republicanos (centro-direita) escolheram essa opção. O partido está bem dividido sobre a estratégia a seguir. Até agora, sua posição é por ‘nem um, nem outro’: nem Macron nem Bardella.” A depender do resultado das

urnas, a França poderá ser jogada no limbo político.

De acordo com Cautrès, a frente republicana consiste em candidatos de outros grupos políticos (o partido de Macron e seus aliados, mais à esquerda) se retirando da disputa para apoiar o melhor nome cotado para derrotar o RN. “O partido Republicanos não queria se unir às desistências de candidaturas. As pesquisas mostram que a tática não evitará a vitória do RN, mas impedirá que ele obtenha a maioria absoluta. A esquerda ficaria em segundo lugar, com o partido de Macron em terceiro.”

Diretora do Instituto de Estudos Europeus da Universidade de Cornell (EUA), Mabel Berezin disse ao **Correio** que não se pode falar em derrota do RN, à medida que as pesquisas indiquem a liderança da coalizão de esquerda, com a extrema direita um pouco atrás. “Nesse cenário, Bardella não será premiê”, observou.

Ela alerta que Le Pen e Bardella não abandonarão a cena política. “Ambos assumirão qualquer poder que puderem ter e

Eu acho...

Arquivo pessoal



“O mais provável cenário é o de um limbo político. Poderá haver dois resultados, se ninguém obtiver a maioria absoluta dos assentos no Parlamento: uma solução ao estilo italiano, com um governo ‘técnico’ liderado por um alto funcionário apolítico; ou uma solução ao estilo alemão, com uma coaligação entre o partido de Macron, a centro-direita e a centro-esquerda. A não ser que o Reagrupamento Nacional surpreenda e obtenha maioria absoluta.”

Bruno Cautrès, especialista do Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS) e professor no instituto Sciences Po (em Paris)

pavimentarão o caminho para as eleições presidenciais, em 2027. Como os franceses têm inclinação pela ordem, encontrarão uma solução para evitar o caos.” (RC)